

Pontos e Contrapontos da Literatura Romântica Brasileira e *Nove Noites*¹**Erineuda do Amaral Soares²****Resumo**

O presente trabalho procura observar a “figura do índio” expressa na Literatura Brasileira Romântica e Contemporânea. Postulando a ideia de análise, pegamos o livro *Nove Noites*, obra prima ficcional de Bernardo Carvalho. Trata-se de uma história que junta em sua narrativa realidade e a ficção. É também, uma mirabolante combinação de memória e imaginação, onde o leitor não consegue delimitar em qual ponto da obra é exposto a verdade e onde inicia a ficção. O romance é baseado numa investigação sobre o misterioso suicídio de um jovem antropólogo americano, Buell Quain, encontrado morto próximo a uma aldeia indígena, os índios krahô, no Brasil. Estes, são tomados em toda a narrativa como uma amostragem para servir de parâmetros aos costumes indígenas brasileiros, ao passo que comparando à literatura romântica da primeira geração que abordava o “bom selvagem”, encontramos alguns pontos que se contrapõem ao romance indianista dos românticos.

Palavras Chaves: Literatura Brasileira, Romantismo, Indianismo

Introdução

O índio foi um dos primeiros temas da literatura brasileira, inicialmente, com a literatura de Informação que tinha como objetivo informar ao rei de Portugal as características geográficas, vegetais e sociais da nova terra e, posteriormente, com o Romantismo, que buscou na vida dos nativos uma identidade nacional. Contemporaneamente, essa

¹ Este trabalho consiste em parte de um Ensaio apresentado na disciplina Literatura Brasileira IV, Universidade Federal do Ceará em 2011. Após três anos, foi realizado alguns acréscimos e enviado para publicação.

² Especialista em Metodologia do Ensino fundamental e Médio (UVA), Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica (FGF), Licenciada em Letras/Português (UFC).
Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza
soareserineuda@ig.com.br

identidade é colocada em voga através do romance de Bernardo Carvalho que se projeta sobre a estrutura narrativa intimista, rompendo os limites entre o real e o ficcional.

Os romances do Romantismo levaram ao leitor daquele período a uma realidade idealizada. Entre esses romances, o indianista foi o que mais sobressaiu, pois trazia como personagem principal: os índios. Estes eram vistos como heróis, guerreiros honrados, e sobretudo, capazes de serem amigos incondicionais.

Assim como na Europa, onde os escritores românticos valorizavam os temas heroicos da Idade Média, no Brasil o nacionalismo exaltava o indígena, o "bom selvagem", transformado em herói nas páginas dos romances e nas poesias de nossos escritores. As paisagens da nossa terra, os índios, a vida no campo e na cidade passaram a ser os temas da nossa literatura, teatro, pintura e música (Coutinho, 1997).

José de Alencar, ao lado de Gonçalves Dias³, fizeram das virtudes do índio pedra de toque da literatura indianista. Alencar na prosa de ficção e Gonçalves na poesia lírica e épica. Algumas obras tiveram destaque em nível nacional, dentre eles, o poema épico *I-Juca-Pirama*, *Ubirajara*, *Iracema* e *Guarani*⁴ onde é exposto a força, a coragem e amizade como elementos natos dos indígenas brasileiros.

Apesar de *Nove Noites* conter alguns elementos comuns à literatura indianista, tais como a amizade dos índios “Não há nada mais valioso do que a confiança de um amigo. Por isso aprecio os índios, com os quais convivo desde criança, desde o tempo em que o meu avô os amansou”, é nos contrapontos que versará esta análise.

A identidade indígena na Literatura Brasileira

Há em toda nossa história literária, segundo Coutinho(1997), uma espécie de contraponto entre a literatura de ideias e a literatura de imaginação⁵: os mesmos temas, os mesmos pontos de vista, as mesmas preocupações. Ainda segundo o autor, existe um fundo nítido

³ Utilizador de alta carga dramática e lírica em suas poesias, com métrica, musicalidade e ritmos perfeitos, Gonçalves Dias se considerava uma “síntese do brasileiro”, por ser filho de pai português e mãe mestiça de índios com negros. Talvez por isso tenha citado tanto as três raças em sua obra, todas de formas distintas. Mais informação em: <http://www.brasilecola.com/literatura/romantismo-no-brasil.htm>

⁴ Conforme Oliveira(2006), fazendo uma análise de obras de época mais próxima, temos, já no século XX, uma nova forma de indianismo em *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, ou ainda mais recentemente, em *Meu querido canibal* (2000), Imagens do nativo-americano nas epopeias coloniais brasileiras do séc.XVIII.

⁵ Para Coutinho (1997), a literatura de ideias ou puramente descritiva forneceu aos poetas e ficcionistas os dados mais ou menos objetivos para a criação de sua obra, que refletem o mesmo esforço de fidelidade ao real, enquanto que a literatura poética e de imaginação inspirou-os a deformar as interpretações dos ensaístas. Portanto, tanto em uma como em outra, tem-se como estaca de partida comum a mesma intenção de conhecimento ou de descrição da terra.

de ideias em toda a literatura brasileira e uma presença um pouco exagerada da terra. Nossa literatura é mais ‘sociológica’ que ‘psicológica’ e pouco sabe ver o homem desligado da paisagem (Coutinho,1997, p.242).

De acordo com esse pensamento, buscamos analisar algumas obras literárias do período do Romantismo e uma contemporânea. Nelas procuramos observar a “figura do índio” pelo seguinte motivo: o Indianismo trouxe uma autonomia literária nacional. Dessa forma, procuramos identificar nesses escritos pontos e contrapontos da Literatura Brasileira Romântica e Contemporânea. Postulando a ideia de análise, pegamos o livro *Nove Noites*, obra prima ficcional de Bernardo Carvalho. Trata-se de uma história que junta em sua narrativa realidade e a ficção.

Conforme Coutinho (1997), a ficção começou na literatura brasileira praticamente com o romantismo, embora segundo o autor, antes tivesse havido um livro bastante significativo.⁶ Segundo o referido autor, a ficção brasileira atingiu um alto grau de força e representatividade e é hoje notável o estado a que chegou, nos seus aspectos técnico e temático, na pintura de personagens e ambientes, estruturação e estilo.

O que *Nove Noites* tem em comum em sua narrativa é a identidade indígena, seus costumes, figuras, feitos. Esses são colocados em voga através de comportamentos e atitudes não tão perfeitas. Isso ocorre devido à independência literária conquistada por nossos escritores pós- modernistas. De acordo com Coutinho (1997), após a década de 70, a literatura brasileira demonstra uma grande vitalidade, expressa numa larga visão do mundo brasileiro.

Citando Dalcastagnè (2012):

Desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele.

De acordo com a referida autora, atualmente, “cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala.” Isso tem gerado desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes ‘não autorizadas’; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para se pensar a literatura; ou, “ainda, pelo debate da especificidade do

⁶ O autor faz referência ao *Compêndio narrativo do peregrino da américa* (1728), de Nuno Marques Pereira.

literário, em relação a outros modos de discurso, e das questões éticas suscitadas por esta especificidade”.

Alves (s/d), escreve que se o ensino de literatura ainda permanece seguindo os mesmos velhos esquemas, não se pode dizer o mesmo em relação aos escritores, cuja consciência em relação à criação literária tem se intensificado cada vez mais. Ela afirma que “ainda resta saber quem são os escritores que despontam em meio às discussões, o que há de novo, o que se mantém”.

São estas questões que nos levaram a analisar *Nove Noites*. Esse romance é baseado numa investigação sobre o misterioso suicídio de um jovem antropólogo americano, Buell Quain, encontrado morto próximo a uma aldeia indígena, os índios krahô, no Brasil. Esses, são tomados em toda a narrativa como uma amostragem para servir de parâmetros aos costumes indígenas brasileiros contemporâneos. Comparando à literatura romântica da primeira geração que abordava o “bom selvagem”, encontramos na referida obra alguns pontos que se contrapõem ao romance indianista dos românticos.

Nativos e a Civilização

A segunda fase do romantismo é a do Indianismo. Esse movimento é assim designado, conforme Coutinho (1997), por ser um movimento de valorização do indígena, seus costumes, cosmologias e outros fatores. Os principais escritores dessa fase foram: José de Alencar e Gonçalves Dias⁷.

José de Alencar defende o estabelecimento de um “consórcio entre os nativos e o europeu. (Brasil escola, s/d)” Os primeiros, além de fornecerem a exuberante natureza se colocavam sempre na posição de companheiros e protetores, enquanto que o segundo, em troca, ofereceria a cultura, a civilização. Um bom exemplo de um pensamento romântico que fora utilizado para definir a colonização como incômoda, mas necessária na formação do povo brasileiro.

Segundo Mees (2011), o “indianismo é o medievalismo ‘adaptado’ do Brasil. Como os brasileiros não tinham um cavaleiro para idealizar, os escritores adotaram o índio como o ícone para origem nacional e colocaram-no como herói.” O professor expõe ainda que

⁷ De acordo com Oliveira (2011), quando se trata de Literatura Indianista, os nomes de Gonçalves Dias e José de Alencar são os mais lembrados. Todavia, antes e depois deles, muitos foram os escritores brasileiros – canônicos ou não – que elegeram o índio e seu universo particular como temas de suas produções estéticas. A considerar o poema épico *De Gestis Mendi de Saa* (1563), do Pe. José de Anchieta, como a obra iniciadora do fato literário no Brasil pode-se afirmar que nossa literatura, já em seu primeiro embrião, iniciou-se indianista.

essa idealização do indígena resgatava o ideal do ‘bom selvagem’. De acordo com esse pensamento a sociedade corrompe o homem, e o ser perfeito seria o índio que não tinha nenhum contato com a sociedade europeia.

A partir do apoio de D. Pedro II aos intelectuais, o Romantismo brasileiro se transformou em projeto oficial, expressando sua ligação com a política. Para valorizar as origens da nacionalidade escolheu-se o índio, visto como parte integrante e como fundador da nação brasileira. A partir desse movimento “o índio passou a ser considerado o símbolo nacional. Idealizado, corajoso, puro e honrado, transformou-se na própria encarnação da jovem e independente nação brasileira, conduzida agora por D. Pedro II” (Multirio,s/d).

Conforme Oliveira *apud* Berlin (2006), Herder⁸ com suas teses sobre a filosofia da história que afirmavam que ‘qualquer atividade, situação, período histórico ou civilização estava dotado de um caráter exclusivamente próprio’, tornou-se, direta ou indiretamente, um ponto de referência para as aspirações romântico-nacionalistas. A autora coloca que:

O Romantismo confundiu-se com os ideais nacionalistas de um país recém-independente, cuja elite mostrava-se ávida por um discurso cultural que representasse artisticamente a independência política e a unidade da nação. Nesse sentido, o indianismo, cujas motivações ideológicas já discutimos anteriormente, foi eleito o motor da cultura nacional brasileira.

Oliveira (2006) coloca ainda que a utopia indianista, em linhas gerais, estrutura-se como uma espécie de primitivismo americano, na ânsia “de retornar às raízes mais primitivas do homem do Novo Mundo, recuperando sua vivência “não-civilizada” de caráter acentuadamente natural.”

Gonçalves Dias⁹ também privilegia a exaltação da natureza, a volta ao passado histórico e a idealização do índio como representante da nacionalidade brasileira, embora sua literatura diferenciasse um pouco dos romances de José de Alencar, pois este valorizava

⁸ Johann Gottfried Herder, considerado um prenunciador do historicismo nacionalista e um dos principais defensores do primitivismo romântico e da poesia popular. Na base de seu pensamento está a negação de vários elementos caros à Ilustração, como o racionalismo e o universalismo, bem como também a negação de sua expressão literária correspondente, o neoclassicismo. Estimula, ao contrário, “o crescimento do particularismo, do nacionalismo e do irracionalismo literário, político e religioso” (BERLIN, 1982, 133-4).

⁹ Gonçalves Dias, considerado o principal poeta romântico brasileiro, exaltava a natureza e o sentimento de honra e valentia do índio. Graças a seus poemas *I-Juca- Pirama*, *Os Timbiras*, *Canção do Tamoio*, entre muitos outros, o indígena transformou-se em símbolo do nacionalismo romântico brasileiro (Multirio,s/d).

o branco colonizador enquanto que aquele o denunciava-o como explorador dos nativos aqui existentes, ambos traziam o índio e os costumes indígenas como foco literário.

Ao analisarmos a narrativa de *Nove Noites*, percebemos que alguns elementos desse Romantismo indianista contidos nas obras de Alencar e Gonçalves Dias são investidos. Primeiro, o homem branco, de certa forma, é apresentado como herói, embora que tímido. Ele é aquele capaz de perdoar os “defeitos” dos nativos:

Sempre os recebi na minha casa. Sempre soube o que diziam de mim pelas costas, que me consideravam um pouco louco, aliás, como a todos os brancos. Mas a mim importava apenas que pudessem contar comigo. E que soubessem que eu não esperava nada em troca.

Assim, é ressaltado também, ações despreziosas do homem civilizado que vai de encontro aos versos de Gonçalves Dias no poema *I-Juca Pirama* :

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Outro contraponto ao Indianismo exposto na obra de ficção em análise é a figura do índio como um guerreiro. Este aparece como desamparado, medroso:

Porque, como os índios, ele estava só e desamparado (...) Os índios não tocaram em nada. Foram à minha casa sem parar nem falar com ninguém pelo caminho — estavam com medo, achavam que pudessem ser incriminados. (...) Quando me falava dos Trumai, eu o ouvia falar do medo.

Dessa forma, percebemos que essa figura indígena não parece com a contida em *O Guarani*:

O índio, que ao movimento da onça curvara ligeiramente os joelhos e apertava (...), endireitou-se de novo(...). Estendeu o braço e fez com a mão um gesto de rei, que rei das florestas ele era, intimando aos cavaleiros que continuassem a sua marcha.

A mesma figura forte, destemida é mostrada no poema épico de Gonçalves Dias, onde o nativo, apesar de amar ao pai, não suporta ser tido como covarde pelo o mesmo e, portanto, morre lutando com seus inimigos:

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Outra observação que pode ser feita ao longo da narrativa é que sob a ótica do homem branco estrangeiro, o índio brasileiro aparece como pedinte:

Deus sabe que seus pedidos não têm fim(...) Os adultos são irrefreáveis nos seus pedidos. São pessoas que estão sempre dispostas a ganhar algo em troca de informações.

E ao serem comparados aos nativos de Fiji são considerados "chatos e sujos", "Não gosto deles". Percebe-se o olhar de antipatia em relação aos nativos e são geralmente vistos como "maus selvagens". Dessa forma, esses pensamentos do homem branco a respeito dos índios, também, se opõem à literatura do período romântico que o toma não só como um elemento a ser descrito, mas como um ser supervalorizado, mitificado e visto como o elemento diferenciador da identidade da recém-independente. Em que o índio fora eleito pela elite sinônimo exclusivo do homem brasileiro (OLIVEIRA,2011, p.123-124). Isto pode ser constatado na literatura de Alencar:

(...)a sua pele, cor do cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência(...). Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa(...)

Voltando à literatura de José de Alencar, que buscava uma identidade para o povo brasileiro, em *o Guarani* ele escreve “era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade.”

Destarte, pode-se perceber outro contraponto em relação a narrativa de Bernardo Carvalho. Enquanto a literatura romântica a todo o momento exalta a natureza, numa linguagem romântica e num cenário perfeito para um encontro simbólico entre uma índia e um europeu, por exemplo, em *Nove Noites*, tem-se uma lastimável constatação. “Há um monte de coisas sobre os brasileiros e as cidades brasileiras que me dão vontade de tirar a roupa e me masturbar em praça pública.” Dessa forma, a referida obra tenta mostrar a realidade da cultura brasileira, oculta pelos românticos, em uma linguagem de contraste e apelativa.

Outro contraponto, é que após alguns tempos do surgimento do romantismo, tem-se uma narrativa, onde é explicitado o pensamento de um estrangeiro. Este, critica e ridiculariza o resultado do referido consórcio, ou seja, da união entre colonizador e nativo que resultou no povo brasileiro:

Acredito que isso possa ser atribuído à natureza indisciplinada e invertebrada da própria cultura brasileira. Meus índios estão habituados a lidar com o tipo degenerado de brasileiro rural que se estabeleceu nesta vizinhança — é terra marginal e a escória do Brasil vive dela.

Assim, cai toda a inocência do indianismo e vem à tona, nessa literatura, a complexa relação das culturas e os defeitos do “bom selvagem”, como se fosse uma espécie de indianismo às avessas:

Tanto os brasileiros como os índios que tenho visto são crianças mimadas que berram se não obtêm o que desejam e nunca mantêm as suas promessas, uma vez que você lhes dá as costas. O clima é anárquico e nada agradável. A sociedade parece ter se esgarçado. Minha dificuldade aqui pode ser atribuída em grande parte à influência brasileira. O Brasil, por sua vez, sem dúvida absorveu muitas das marcas mais desagradáveis das culturas indígenas com as quais teve contato inicialmente. (...) As crianças brasileiras pedem a todos os viajantes uma 'bênção'. Isso pode não ter origem indígena, mas está totalmente adequado ao temperamento dos índios. “Os brasileiros se contentam em fazer seus pedidos à sorte”.

Uma particularidade dessa obra está na maneira como o personagem principal narra suas observações. Assim, de acordo com a verdade do narrador, os reais motivos do comportamento dos brasileiros estão em sua ligação com os índios. Segundo a narração, o brasileiro não tem dignidade, nem cumpre regras devido sua própria história cultural e formação nacional o que entra em contraste com toda as narrativas românticas de Alencar e Gonçalves Dias.

Considerações Finais

Tomar a obra de Bernardo Carvalho e analisar a “figura do índio” é demonstrar como ela pode ser altamente avaliada com base nos demais critérios de julgamento: estético, político, social, e outros. Portanto, abre espaço para outras análises no campo da Literatura Brasileira. *Nove Noites* traz um discurso de forte apelo, que contribui para uma reflexão sobre a visão do estrangeiro sobre o povo indígena.

É uma narrativa que desconsidera o modelo de valorização do nativo nascido no Indianismo e, portanto, parte para um questionamento sobre o modelo de vida dos brasileiros. Afinal, a definição dominante manifesta na literatura romântica corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos que buscavam naquela época, por questões político-sociais, consolidar o nacionalismo brasileiro.

Para finalizar, pode-se arrematar esta análise com a seguinte conclusão: concebendo a literatura romântica como retorno ao passado onde as raízes históricas dignificam a pátria, e, a contemporânea que tem como tópico da condição pós-moderna: a identidade em crise, pode-se concluir que *Nove Noites* busca em sua narrativa explicitar traços imperfeitos dos índios brasileiros que foram omitidos na literatura romântica, mas que influenciaram a cultura desse povo no presente.

Referências bibliográficas

ALENCAR, José de. **O Guarani**. 25. ed. São Paulo, SP: Ática, 2006. 310 p. (Série Bom Livro).

ALVES, Cristiane da Silva. **Algumas(breves) considerações sobre a literatura brasileira**. Disponível em: www.wwlivros.com.br/IIjornadaestlit/artigos/port.../ALVESCristiane. Acesso em 01/01/2015.

BERLIN, Isaiah. Vico e Herder. Trad. Juan Antonio Gili Sobrinho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. *In*: OLIVEIRA, Andrey Pereira de. **O Indianismo Romântico como Primitivismo Americano: o Caso Gonçalves Dias**. Revista Graphos. Vol.8, N.2, 2006.

Carvalho, Bernardo. **Nove Noites**. Companhia das Letras, 2006.

Coutinho, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 4.ed.rev.e atual. São Paulo: Global, 1997.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais**. Revista Iberic@ 1, 2012 - iberical.paris-sorbonne.fr. Disponível em: <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em: 01/01/2015.

DIAS, Gonçalves. **Antologia Poética**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969. Colaboração de Sandra M.P. Marinho e Luiz A. Faria. Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. Disponibilizado em: www.bibvirt.futuro.usp.br. Texto-base digitalizado por: www.cce.ufsc.br. Universidade Federal de Santa Catarina. Acesso em 01/01/2015.

HERDER, Johann Gottfried. Idéias para a Filosofia da História da Humanidade. *In*: GARDINER, Patrick (org.). **Teorias da História**. 3. ed. Tradução e prefácio de Vítor Matos e Sá. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. p. 43-59.

OLIVEIRA, Andrey Pereira de. **O Indianismo Romântico como Primitivismo Americano: o Caso Gonçalves Dias**. Revista Graphos. Vol.8, N.2, 2006.

_____, Andrey Pereira de. **Imagens do nativo-americano nas epopeias coloniais brasileiras do séc. XVIII**. ANTARES, vol.3, nº6, jul./dez. 2011.

<http://www.brasilecola.com/literatura/romantismo-no-brasil.htm>. Acesso em: 28/12/2014.

<http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/indianismo.html>. Acesso em: 28/12/2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Escolas_liter%C3%A1rias . Acesso em 3/03/2011.